ANPEGE

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia

SEÇÃO TEMÁTICA

PANORAMA DA PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA NO BRASIL 2023

REVISTA DA ANPEGE

ISSN 1679-768X

VOLUME 19

N. 39 (2023)

30 ANOS ANPEGE

DOI: 10.5418/RA2023.V19I39.17468

REVISTA DA ANPEGE | v. 19 nº. 39 (2023) | e-issn: 1679-768x

TRAJETÓRIA DOS 40 ANOS DO PPGEO/UFS NOS ESTUDOS E PESQUISAS NA GEOGRAFIA BRASILEIRA

Trayectoria de los 40 años del PPGEO/UFS en los estudios e investigaciones en la Geografía Brasileña

The trajectory of the 40 years of the PPGEO/UFS in studies and research in Brazilian Geography

ANA ROCHA DOS SANTOS
Universidade Federal de Sergipe (PPGEO)

SÔNIA DE SOUZA MENDONÇA MENEZES
Universidade Federal de Sergipe (PPGEO)

Resumo: O objetivo deste artigo é contribuir para o registro da história dos programas de pós-graduação em Geografia através da exposição da trajetória do PPGEO nos seus 40 anos de produção de conhecimento e formação de pesquisadores nos estudos geográficos. A metodologia utilizada baseou-se nos relatórios da Plataforma Sucupira, em fontes bibliográficas a respeito da história e desenvolvimento do Programa e nos depoimentos de professores que vivenciaram a criação dos cursos de pós-graduação em Sergipe. O PPGEO se caracteriza pelo pioneirismo na criação do curso de mestrado na UFS, sendo o segundo em Geografia da região nordestina, assim como pela instalação do primeiro curso de doutorado das regiões Norte e Nordeste. Além de atuar na formação para o exercício profissional, o PPGEO contribui para o enriquecimento da ciência geográfica pelo exercício intelectivo de professores e estudantes que aprofundam os estudos teóricos, realizam pesquisas empíricas e, com isso, fomentam a inserção social e o conhecimento historicamente acumulado.

Palavras-chave: Produção do conhecimento; Formação profissional; Inserção social

Resumen: El objetivo de este artículo es contribuir para el registro de la historia de los programas de postgrado en Geografía a partir de la exposición de la trayectoria del Programa de Postgrado em Geografía de la Universidad Federal de Sergipe (PPGEO/UFS) en sus 40 años de producción de conocimiento y formación de investigadores en estudios geográficos. La metodología utilizada se basó en las informaciones de la Plataforma Sucupira, en fuentes bibliográficas sobre la historia y el desarrollo del Programa y en relatos de profesores que vivenciaron la creación de los cursos de postgrado en Sergipe. El PPGEO se caracteriza por el pionerismo que significó la creación del curso de Maestría en la UFS, siendo la segunda Maestría em Geografía en la región Nordeste de Brasil; de la misma forma fue pionero al instalar el primer Doctorado em Geografía de las regiones Norte y Nordeste. Además de actuar en la formación para el ejercicio profesional, el PPGEO contribuye para el enriquecimiento de la ciencia geográfica por el ejercicio intelectual de profesores y estudiantes que profundizan los estudios teóricos, realizan investigaciones prácticas y, con ello, fomentan la inserción social y el conocimiento históricamente acumulado.

Palabras claves: Producción del conocimiento; Formación profesional; Inserción social.

Abstract: The objective of this article is to contribute to the recording of the history of graduate programs in Geography by exposing the trajectory of the PPGEO in its 40 years of knowledge production and training of researchers in geographic studies. The methodology used was based on reports from the Sucupira Platform, on bibliographical sources regarding the history and development of the Program and on testimonials from professors who experienced the creation of graduate courses in Sergipe. The PPGEO is characterized by its pioneering spirit in the creation of the master's course at UFS, being the second in Geography in the northeastern region, as well as by the installation of the first doctoral course in the North and Northeast regions. In addition to acting in training for professional practice, the PPGEO contributes to the enrichment of geographic science through the intellectual exercise of professors and students who deepen theoretical studies, carry out empirical research and, with this, encourage social insertion and historically accumulated knowledge.

Keywords: Knowledge production; Professional qualification; social inclusion

INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva contribuir com o registro da história da pós-graduação brasileira a partir da exposição da trajetória do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO) nos seus quarenta anos de construção da Geografia sergipana como ciência e como formadora de profissionais técnicos e docentes. Com a finalização de 372 dissertações (maio de 2023) e 193 teses (março de 2023), o PPGEO se destaca pela sua inserção social e capilaridade na escala regional, responsável por qualificar mestres e doutores dos estados nordestinos, especialmente Sergipe, Bahia, Pernambuco, Ceará e Alagoas. O Programa possui a marca histórica da UFS pelo seu pioneirismo na Pós-Graduação sergipana e nordestina, assim como na Geografia do país por ter sido o precursor na organização e realização de importantes eventos que impulsionaram o surgimento do ENGA e da Anpege, dois dos principais eventos da Geografia brasileira. No artigo "Uma ideia que deu certo", o Prof. Alexandre Diniz relata o surgimento da ideia da realização do Enga. O primeiro encontro ocorreu em 1978, em Salgado-SE:

> Corria o mês de julho de 1978, e a cidade de Fortaleza sediava o 3º Encontro Nacional de Geógrafos da Associação dos Geógrafos Brasileiros. Em plena efervescência da reunião onde despontavam mudanças profundas nas concepções geográficas mais aceitas no Brasil, sobretudo com uma crítica severa aos métodos quantitativos e uma preocupação acentuada com as questões sociais, os estudos urbanos encontravam-se em pleno desenvolvimento. Em oposição, a Geografia Agrária mostrava-se enfraquecida, pouco produtiva, diante de outras áreas da nossa ciência, não merecendo mais do que uma simples sessão vespertina para apresentação de algumas contribuições. E para todos aqueles que faziam essa geografia, a sensação era de frustração e desânimo. Sentados diante do "bandejão" para almoço, nesse dia reservado para a mencionada sessão, meditávamos eu, Rivaldo Gusmão, Solange Silva e Olindina Mesquita sobre nossa fragilidade, quando despontou, como resposta à célebre pergunta: "o que fazer"?, a ideia do ENGA. E ali mesmo fomos montando a estrutura preliminar do primeiro Encontro, dividindo as tarefas e selecionando temas. Logo me dispus a organizar o evento, em dezembro do mesmo ano, que, em nossa ideia precipitadamente concebida, deveria ser o primeiro de uma grande sequência. Do almoço fomos ao encontro de colegas que já estavam, sem saber, "encarregados" das tarefas urgentes. Como o primeiro ENGA deveria ser de caráter norteador e metodológico, Lúcia Gerardi, Antônio Ceron e Miguel Sanchez deveriam preparar um texto sobre "Metodologia da pesquisa em Geografia Agrária", enquanto Mário Lacerda de Melo desenvolveria o tema da formação do geógrafo agrário no Brasil. Com outros colegas de Sergipe e de outros estados presentes em Fortaleza, logo se formou um grupo que definiu as regras básicas para futuros Encontros (Diniz, 1988, p. 19).

Quanto à história da Anpege, a pós-graduação em Geografia de Sergipe também tem registrada sua atuação. O I Encontro Nacional da Anpege, em 1995, foi realizado

em Aracaju, sob a coordenação do professor Alexandre Diniz, que resgata em sua memória o momento de criação desta instituição:

> Em Florianópolis, num encontro em 1995, a gente cria a Anpege. Milton queria que eu fosse o primeiro presidente porque eu tinha sido o mentor. Eu disse, não senhor, quem vai ser o primeiro presidente da Anpege é você, porque você tem nome internacional e tem alta credibilidade perante todos os cursos. É você que tem que ser o presidente da Anpege, mas eu faço o primeiro congresso da Anpege para você não ter trabalho. Eu organizo o primeiro congresso da Anpege em Aracaju, em 1995 (Diniz, 2017, p. 267).

No ano em que a Anpege completa trinta anos e o PPGEO/UFS, os seus quarenta anos de existência, é importante que seja assinalado o caminho que essas instituições percorreram, as mudanças que a Geografia atravessou nos seus questionamentos, comprometimento com a sociedade e as respostas que foram dadas à multiplicidade de problemas que a sociedade brasileira enfrentou e ainda enfrenta.

Contar a história é eternizar o passado-presente no tempo-espaço, herança e testemunho que iluminam o futuro para avançar no trabalho de transformação da realidade. É fato que essa transformação não depende somente da contribuição científica de pesquisadores que têm empreendido esforços e atuado ativamente através de suas pesquisas para que a ciência avance. Contudo, sem o conhecimento científico, tampouco as mudanças acontecem. A natureza da pós-graduação é produzir pesquisa. Através dela, acumula-se massa crítica e se avança teoricamente, dado que o conhecimento não é estático, uma vez que a sociedade muda e se impõem limites históricos ao conhecimento.

A história da Geografia sergipana é rica pela pujança da sua produção nestas quatro décadas e pela ousadia de arriscar e inaugurar a instalação de cursos, proporcionando ao Estado de Sergipe e aos demais estados do Nordeste que pesquisadores e professores pudessem realizar sua formação acadêmica e profissional. Para contribuir com a história da ciência geográfica pela pós-graduação, este artigo está organizado em mais três tópicos. O primeiro trata da implementação do PPGEO, que inaugura os estudos no âmbito da Pós-Graduação na UFS e suas conexões com a realidade política, econômica e o desenvolvimento da ciência no país. No segundo tópico, são abordadas as mudanças que ocorreram no Programa. Proporciona apreender o que diz respeito ao temário geográfico estudado, as linhas de pesquisa que definiram a tradição investigativa do Programa e foram inscritas para desenvolver os projetos realizados pelos docentes e discentes.

O terceiro tópico aborda a importância do PPGEO para a Geografia sergipana e os desafios da pós-graduação e, particularmente, da Geografia em Sergipe, a capilaridade do PPGEO e a inserção social na escala regional, como um Programa que se consolida no momento de expansão da pós-graduação no país, com a existência de cursos em todos os estados brasileiros. No item seguinte, em que são tecidas as considerações finais do artigo, a partir das evidências apresentadas em relação à formação profissional e à capilaridade regional do programa, são retomadas a discussão sobre a inserção social e a efetividade de ações com os projetos de pesquisa e extensão realizados.

O Pioneirismo do PPGEO/UFS na pós-graduação sergipana e nordestina

A Geografia sergipana como ciência e disciplina escolar, nos níveis de graduação e pós-graduação, está relacionada ao contexto político, econômico do país dos anos correspondentes aos processos de urbanização e industrialização brasileiras, assim como ao projeto científico, desenvolvido após os anos 1950 no âmbito da modernização social da época.

Do ponto de vista econômico, requeria-se uma formação de profissionais que pudessem atuar nas diversas instituições, especialmente naquelas voltadas para a economia açucareira, têxtil e para o pessoal do quadro técnico e administrativo do estado. Também nos anos 1950, o projeto de construção do Estado nacional demandava um discurso que produzisse um sentimento de pertencimento e de amor à pátria. À Geografia coube essa tarefa, tornando-se uma disciplina fundamental nas escolas do país. O curso de Geografia em Sergipe foi implantado nesse contexto, através do Decreto n. 20.311, de 23 de fevereiro de 1951, no governo de Getúlio Vargas. Por este decreto, estavam autorizados os cursos de Filosofia, Geografia e História, Letras Anglo-Germânicas, Pedagogia e Matemática, da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (Fafi), criada em 25 de março de 1951, pela Arquidiocese de Aracaju (Santos, 2007).

Além da Faculdade Católica de Filosofia, o ensino superior em Sergipe era constituído de mais cinco faculdades: a de Ciência Econômica (1950) e a Faculdade de Química (1950), que eram estaduais, enquanto a Faculdade de Direito (1951), a Escola de Serviço Social (1954) e a Faculdade de Ciências Médicas (1961) eram particulares. Reunidas essas faculdades e escolas, passaram a ser geridas por uma única reitoria e em um mesmo local, introduzindo, assim, o ensino superior público em Sergipe. A Universidade Federal de Sergipe foi criada, então, na década de 1960, iniciando suas atividades em 1968, marco que definiu a federalização da educação superior pública no estado.

Para Bretas, sobre a federalização da educação superior em Sergipe,

> a formação jurídico-acadêmica da UFS se consolidou na congregação de faculdades muito diferenciadas entre si e que, pelo avanço da expansão de educação superior assumida nos governos militares, seus motivos locais foram coincidentes ao ordenamento político daquele contexto" (2014, p. 161).

A criação da Universidade Federal de Sergipe foi, portanto, constituída de faculdades que tinham diferentes ordenamentos jurídicos, forma de administração e concepções epistemológicas dos cursos. A federalização representou a aglutinação dos cursos sob uma mesma administração e forma jurídica, uma fundação, tendo apenas a gestão exercida por um reitor como algo comum entre as diferentes faculdades.

Cabe salientar que a criação da UFS se deu em 1968, ano de intensa repressão da ditadura civil-militar, com suspensão de direitos políticos, censura, perseguição e violência contra estudantes, professores, intelectuais, artistas, jornalistas, políticos que defendiam a democracia e a liberdade. Já no início das atividades da UFS, os estudantes

se organizaram em movimento estudantil. Naquela época, os estudantes mantinham um debate político, de enfrentamento e resistência à ditadura civil-militar. Para Oliva (2021), aluna em 1968 e professora de história em 1974, logo depois de concluir a graduação: "Tudo isso representava uma vida nova que se desenhava, além do orgulho de estar na universidade, de participar de movimentos. Não podemos esquecer que era época do movimento estudantil aguerrido e era época do regime militar" (disponível em: https://www.ufs.br/conteudo/67242-conheca-a-trajetoria-de-quatro-pessoas-em-suas-vivencias-na-ufs).

A perseguição da ditadura militar levou o Prof. José Alexandre Diniz a migrar para Rio Claro, só retornando a Sergipe em meados da década de 1970. Suas palavras sobre esse momento em relação à universidade já constituída: "E chego em Aracaju de volta em 1975, eu tinha saído em 1964, com o rabo entre as pernas, porque tinha sido preso, e fui para Rio Claro. Volto quase dez anos depois e encontro uma universidade que não existia no meu tempo. Só existiam cinco Faculdades isoladas e encontro a Universidade de Sergipe" (Diniz, 2017, p. 250).

A chegada do prof. Alexandre Diniz representou um salto qualitativo na Geografia sergipana. Foi ele o principal responsável pela implantação da pós-graduação em Geografia no estado e pelo dinamismo da Geografia sergipana. Sob a sua liderança e da Profa. Adelci Figueiredo Santos, foi criado o Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, vinculado à Pró-reitoria de Pós-Graduação da UFS, e iniciado o Curso de Especialização em Geografia da Agricultura, em 1983, cuja área de Concentração foi Organização do Espaço Rural no Mundo Subdesenvolvido. Este curso possibilitou o amadurecimento do quadro de professores, constituindo-se no embrião da criação do mestrado em Geografia da UFS, em 1985. A Profa. Adelci Figueiredo Santos (uma das criadoras do curso) não se abateu ao se referir às dificuldades enfrentadas na criação do curso, salientando que "criar uma massa crítica pensante, conscientizar a juventude do seu papel como cidadão e atender os anseios da comunidade é papel da Universidade" (Santos, 1993, p. 13).

Os idealizadores discutiram a necessidade de avanço dos estudos geográficos e lançaram mão de recursos humanos, representados por um quadro docente composto por profissionais que se dedicaram ao ensino e à pesquisa na Geografia. Tal comprometimento refletia na atuação consolidada dos professores da área específica do curso, mas também na disponibilidade de docentes de áreas afins a se engajarem no projeto de formação de pessoal qualificado para atuação na própria universidade. Além dos já citados docentes, segundo França (2021) houve a contribuição dos Profs. Dieter Heidmann, Emmanuel Franco e Vânia Fonseca. Ainda integraram o Núcleo as mestras Tereza Souza Cruz e Maria Hosana Souza. Além destes geógrafos foram convidados docentes de outras instituições como o Prof. Manuel Correia de Andrade (da UFPE), Bárbara Christine, Sylvio Carlos Silva e Silvia Leão (da UFBA) e Maria Geralda de Almeida (da UFG), que permaneceu vinculada à pós-graduação até o seu falecimento, em 2022.

A Geografia sergipana estava, então, constituída por um grupo de docentes que trabalhava com diferentes perspectivas teórico-metodológicas. Um grupo que contribuiu para a formação de uma massa crítica e composição de uma comunidade científica em

um estado da federação em que grande parcela da população carecia de acesso à educação e que necessitava de professores para melhorar os índices de baixa escolarização.

O trabalho de pesquisa, produção científica e as discussões realizadas em sala de aula foram e ainda são marcados pela presença das concepções teóricas e correntes de pensamento que embasam a Geografia brasileira. A participação de professores, voltados para diferentes análises geográficas já naquele momento inicial do curso, atesta para o caráter diverso da pós-graduação em Geografia. Conforme Vilar (2022, p. 275),

> é exatamente esse aspecto plural que vai caracterizar o programa até hoje, porque desde o início a visão elástica que permite pensamentos diferentes e admite a disputa com base mais nas ideias do que nas pessoas vai acompanhar a trajetória da pós-graduação em Sergipe. A inteligência geográfica em Sergipe, com seu olhar aberto, ao transitar pelas várias correntes do pensamento geográfico, e o espírito de autoavaliação, são indicadores da maturidade do programa desde seus momentos iniciais. A presença de professores com visões bastante diferentes, como é o caso de Dieter Heidemann e Maria Geralda de Almeida, são evidências de posturas mais abertas e plurais, dando passo ao crescimento do conhecimento geográfico em Sergipe.

Cabe destacar que dentre as correntes de pensamento estava a Geografia Quantitativa, pela influência do Prof. Alexandre Diniz, um dos seus ícones. Segundo ele, em entrevista publicada pela *Revista Geonordeste*, quando da comemoração dos 30 anos do Programa:

> Em 1985, eu fui aos Estados Unidos. Eu era Pró-reitor de Pós-Graduação, e fui passar um mês na Universidade de Rhode Island. Como eu ainda mexia muito com quantificação, eu escrevi para o Nils West que era chefe do Departamento de Geografia lá em Rhode Island. Era Geografia e Assuntos do Mar, porque eles são muito ligados ao mar, muitos pescadores e comunidade de pescadores de origem portuguesa. Escrevi para ele e disse que gostaria de ver o que eles estão fazendo com quantificação.
>
> No primeiro dia, nós fomos almoçar no restaurante dos professores da Universidade e eu perguntei a Nils: o que vocês estão fazendo de quantificação? Isso em 1985. Ele respondeu, Alexandre, o que eu vou dizer não vai adiantar muito, porque certamente o que a gente faz aqui você não vai poder fazer na sua universidade. Aqui se usa um computador de grande porte, é um IBM 5657, (...) e também se usa um grande pacote estatístico (...) que se chama Statistic Analysis System (SAS). Então vocês não vão poder fazer isso! Eu disse, Nilson, eu tenho um IBM 5657 a cem metros da minha sala e eu tenho esse SAS implantado, só que não gosto muito dele, eu prefiro o SPSS (Statistical Package for the Social Sciences). Ele arregalou os olhos e disse: nós não temos esse mais avançado aqui. Eu até tentei comprar, mas não consegui ainda. E como você chegou a isso? Fui explicar a ele todo o processo de transformação da Geografia Brasileira, a quantificação que havia começado, expliquei para ele a minha Livre-Docência que já foi usando análise fatorial, em 1971. Ele ficou abismado e o tratamento mudou, não era mais aquele subdesenvolvido que ia lá pedir esmola, era uma pessoa de igual para igual (Diniz, 2017, 262).

Em 1985, a UFS impulsionou a implementação de mestrado a partir do aproveitamento e experiências dos cursos de especialização dos Núcleos de Pós-graduação. A criação do mestrado resultou de um movimento na própria universidade para a implantação

da pós-graduação que, naquele momento, não tinha um número suficiente de mestres e doutores no quadro docente formado para atuar nesse nível de ensino. Foi a Geografia que inaugurou o primeiro curso de mestrado instalado na UFS e o segundo da região Nordeste, iniciando a pós-graduação *stricto sensu* na instituição. O NPGEO, atual PPGEO, adotou como foco de suas pesquisas os estudos agrários, denominando a área de Organização do Espaço Rural no Mundo Subdesenvolvido, com duas linhas de pesquisa, intituladas Mudanças no Espaço Agrário e Relação Campo-Cidade. Em 1987, foi realizado o VIII Enga (Encontro Nacional de Geografia Agrária), na Barra dos Coqueiros – SE (Foto 1). Desde a primeira edição deste evento, que foi realizado em Sergipe, o Programa também organizou o XXIII (2016), o que demonstra a importância da Geografia Agrária para a pós-graduação, constituindo-se na área que marca a Geografia sergipana no cenário brasileiro.

O esforço de implantar a pós-graduação na UFS foi acompanhado pela necessidade de um veículo de divulgação dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos pelos pesquisadores do Programa e de outras instituições do país. Assim foi criada, em 1984, a *Revista Geonordeste*, que, naquele momento, como até o presente, é resultado do trabalho dos professores envolvidos para disponibilizar ao público suas pesquisas, resenhas de livros, ensaios, entre outros trabalhos de divulgação científica. Com 39 anos de existência, a *Revista Geonordeste* é uma fonte histórica da Geografia nacional, regional e, especificamente, sergipana, cuja consolidação resulta do atendimento das exigências normativas estabelecidas para publicações científicas. Com isso, ela reforçou a importância da pós-graduação em Geografia para a produção e difusão do conhecimento geográfico.

Foto 1 – Participação dos Profs. Manoel Correia e Alexandre Diniz em mesa redonda do VIII Enga



Fonte: registro do arquivo do PPGEO, 2023.

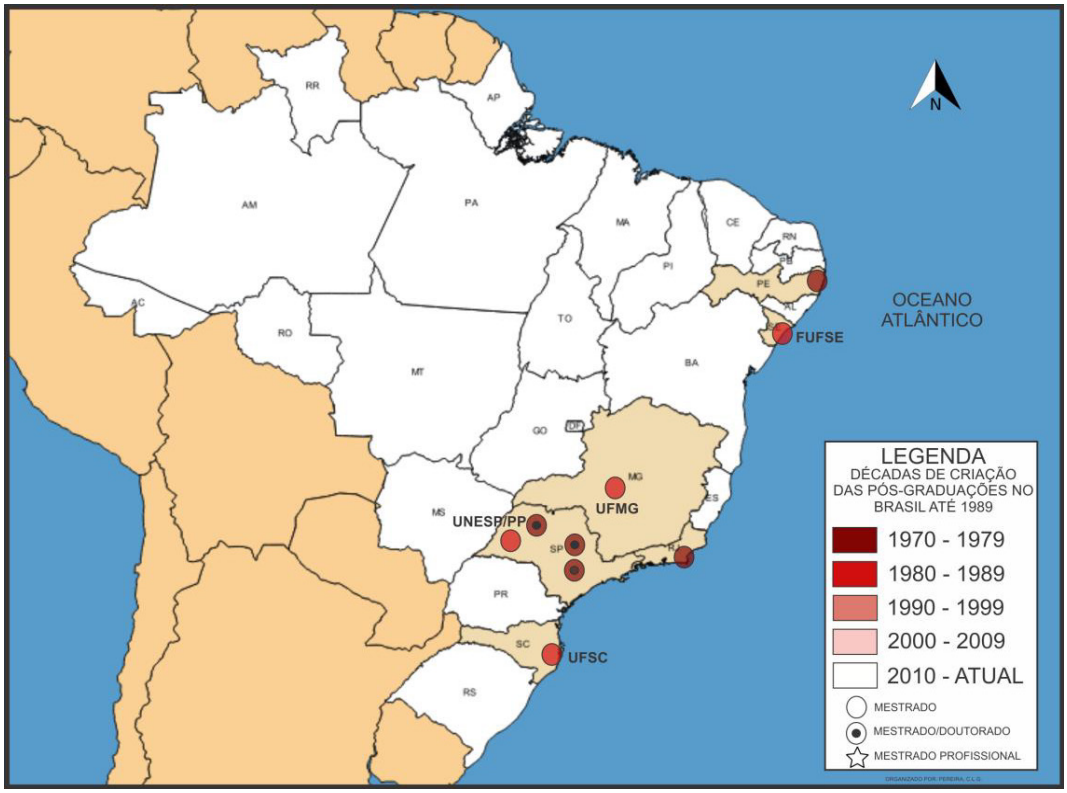
Cabe salientar que a formação de mestres na Universidade Federal de Sergipe esteve, inicialmente, voltada para a qualificação de seus próprios professores, uma vez que ainda era muito diminuta a existência de docentes com esse nível de ensino. Na

Geografia, após articulação feita pelo Prof. Alexandre Diniz com a pós-graduação da Unesp/Rio Claro, foi firmado convênio para qualificar os docentes de Geografia no curso de doutorado interinstitucional. Segundo depoimento do Prof. Alexandre Diniz, o convênio resultou em três turmas, formando doutores do Programa, além de outros que residiam em outros estados, mas que puderam fazer o curso (Diniz, 2017).

Com a formação dos primeiros doutores em Geografia da UFS, associada a uma conjuntura de expansão da pós-graduação no país, foi criado o curso de doutorado em Geografia, iniciando a primeira turma em 2003. Dentro de uma política nacional que impulsionou a educação brasileira, a implantação do doutorado em Geografia em Sergipe serviu para atender uma demanda de mestres que ansiavam pela continuação de sua formação acadêmica. Isto porque, até os anos 2000, havia concentração de cursos de mestrado e doutorado na região Sudeste do país. Nos anos 1980, a pós-graduação brasileira em Geografia estava presente apenas em seis estados, sendo que o doutorado somente existia em São Paulo, conforme Mapa 1. Foi, portanto, com a desconcentração da pós-graduação que os estados brasileiros passaram a contar com maior número de cursos de mestrado e doutorado pelo país (Mapa 2), alterando significativamente a realidade da produção científica nacional. Em Sergipe (município de Itabaiana) também foi criado um novo curso de graduação, Licenciatura em Geografia (em 2006), dentro da política de interiorização das universidades, proposta durante o governo Lula. Desse modo, jovens do interior que não tinham condições para ingressar na educação superior passaram a dispor de um curso mais próximo de seus municípios de residência. Isto também significou para o PPGEO a oportunidade de inserção de parte de seus egressos como docentes no serviço público federal e favoreceu a continuidade dos estudos em nível de pós-graduação aos estudantes formados no *Campus* de Itabaiana.

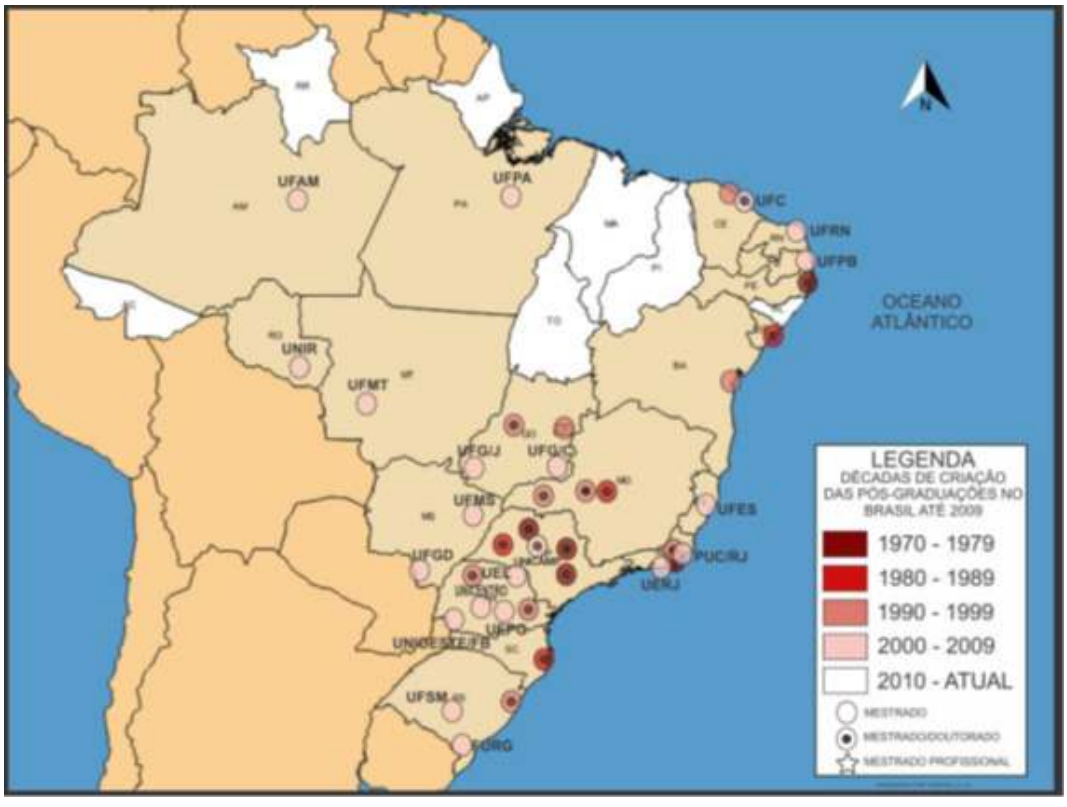
Apesar de todo o avanço da expansão das universidades, dos cursos de pós-graduação e, neles, da Geografia, a realidade brasileira permanece com a marca da desigualdade. No Nordeste, a taxa de analfabetismo foi de 13, 9%, em 2019 (segundo dados da PNAD contínua, 2019). Considerando a realidade da educação brasileira, em 2019, somente 27, 4% dos alunos finalizaram o Ensino Médio, 17, 4% concluíram o Ensino Superior. Apenas 21% dos brasileiros de 25 a 34 anos têm diploma universitário. Posto isso, é fundamental a existência da pós-graduação tanto para o atendimento de uma demanda qualificada por profissionais da educação, como para a formação de pessoal que atue na resolução de problemas da sociedade.

Mapa 1 – Expansão e consolidação da pós-graduação em Geografia: anos 1980



Fonte: Capes, Documento de área – Geografia, 2016

Mapa 2 – Expansão e consolidação da pós-graduação em Geografia: anos 2000



Fonte: Capes, Documento de área – Geografia, 2016.

Da tradição nos estudos agrários ao enfoque da dinâmica territorial e ambiental

Na Geografia brasileira, o PPGEO/UFS é reconhecido por sua história nos estudos agrários e, desde sua criação, permanece com uma produção significativa de pesquisas na linha Produção do Espaço Agrário. O conhecimento geográfico produzido no PPGEO resulta do próprio dinamismo da Geografia como ciência em movimento. De uma origem marcada pelos estudos sob influência positivista, cujos temas eram ligados a temáticas da agricultura, como produção agrícola, elementos da agricultura, agricultura familiar e campesinato, entre outros, passou a abarcar outras abordagens teóricas, com problemáticas de investigação que ampliaram as possibilidades de investigação do Programa para explicar a realidade. Os estudos sobre o espaço agrário têm se diversificado a depender da opção teórico-metodológica dos orientadores e dos trabalhos dos grupos e pesquisa. A existência de diferentes abordagens teórico-metodológicas possibilita o confronto de ideias e o debate profícuo para o ambiente acadêmico. Seus estudos apontam para o debate teórico-conceitual da Geografia agrária e da questão agrária, as formações históricas e geográficas e a produção do espaço agrário, a reflexão sobre a renda da terra, os rebatimentos das investidas do Estado e das intervenções privadas na produção do espaço rural e suas variadas manifestações, que vão desde a expansão do agronegócio, até as teorias do fim e (re)criação do campesinato, as estratégias de reprodução da agricultura familiar camponesa e os modos de vida. Ainda são trabalhados temas sobre a conflitualidade entre campesinato e agronegócio e a produção do espaço geográfico no mundo globalizado, os movimentos socioterritoriais e a reforma agrária, as ruralidades e novas ruralidades, os sistemas agroalimentares localizados, a produção de alimentos vinculados aos movimentos sociais e à agroecologia, aos cultivos orgânicos e os estudos das formas de comercialização com os circuitos curtos e os mercados institucionais.

Em 2001, a área foi modificada para Organização e Dinâmica dos Espaços Agrário e Regional, o que demandou uma reformulação, com vistas a abrigar novas pesquisas e responder às demandas por conhecimento geográfico a ser produzido pelo Programa. Para atendimento da nova área de concentração, o Projeto Pedagógico foi atualizado, incorporando novas disciplinas, dando abrangência aos conteúdos, mantendo sua contribuição para a elucidação das questões agrárias e regionais. Assim, consolidaram-se três linhas de pesquisa: Produção e Organização do Espaço Agrário; Análise regional e Dinâmica ambiental, fundamentadas nas concepções norteadoras da pesquisa geográfica. Com a introdução da análise regional e ambiental, propostas de pesquisas com temáticas relacionadas a políticas públicas, ordenamento territorial, análise de bacias hidrográficas, sustentabilidade ambiental, turismo, gestão das águas, trabalho, território de povos tradicionais, campo-cidade, entre outros passaram a ser desenvolvidas, adensando o conhecimento geográfico. Todavia, uma nova mudança na estrutura curricular se fez necessária, fruto de discussões e debates sobre a natureza do espaço geográfico no mundo em que as relações sociais impuseram uma reflexão sobre categorias e conceitos da Geografia.

Com efeito, explicar os processos sociais em sua dimensão espacial requer da Geografia uma constante reflexão e superação de limites interpretativos que impõem

mudanças para a investigação da relação sociedade-natureza. Seguindo a necessidade de pensar sobre a Geografia como ciência, voltada para a explicação de processos sociais em sua dimensão espacial, em 2014 a área de concentração do PPGEO foi alterada mais uma vez, passando para Produção do Espaço Agrário e Dinâmicas Territoriais, com as linhas de pesquisa: Produção do espaço agrário, Dinâmicas territoriais e desenvolvimento e Dinâmica ambiental.

As mudanças regimentais refletem as alterações do curso para uma melhoria da formação de estudiosos pesquisadores e, principalmente, professores. A atuação dos grupos de pesquisa e o desenvolvimento de projetos têm contribuído para a formação de núcleos de pesquisadores em diferentes instituições de ensino superior onde estão presentes os egressos, sobressaindo-se o Programa, como um dos mais importantes centros de formação de recursos humanos e de produção de pesquisas geográficas do Nordeste.

Com as novas linhas de pesquisa e a entrada de novos professores no Programa, aprofundou-se a investigação científica com análises sob diferentes perspectivas teóricas e escalas. A linha de pesquisa *Dinâmicas territoriais e desenvolvimento* desde o primeiro semestre de 2015 vem dando especial atenção ao temário das estratégias de desenvolvimento, discursos, práticas e enfoques escalares, políticas territoriais, seu campo discursivo e o conjunto dos rebatimentos na apropriação e produção do espaço geográfico. Nos anos mais recentes, ganhou força o recorte territorial, envolvendo o debate sobre a gestão territorial, a valorização cultural e as potencialidades do lugar e dos diversos atores e sujeitos envolvidos, assim como estudos voltados para o turismo, governança, gestão urbano-regional, arranjos produtivos locais, condomínios horizontais e a relação campo-cidade, estudos sobre o trabalho e suas implicações sociais e territoriais, estudos sobre o capital, financeirização e novas dinâmicas espaciais. A análise regional pressupõe a explicação de ações que se territorializam observando as relações escalares. Esta linha tem se constituído em um importante aporte para os estudos dos processos territoriais que se inscrevem na dimensão regional, das cidades e das formas de manifestações da territorialidade que expressam relações de poder, quer sejam econômicas, políticas ou simbólicas e culturais. A ênfase no desenvolvimento resulta da análise do papel do Estado na condução das políticas públicas, em seus mais variados setores. Da atuação do Estado na condução das políticas públicas verifica-se um desdobramento espacial, alterando relações produtivas, promovendo impactos sociais, reordenando o mundo do trabalho, a configuração socioespacial e imprimindo reações que podem ser vislumbradas na atuação dos movimentos sociais.

A linha de pesquisa *Dinâmica ambiental* emerge como temário relevante, exigindo uma análise da Geografia da realidade pela visão conjunta das condições naturais e das atividades humanas desenvolvidas em diversos cenários territoriais. Essa linha tem produzido estudos atentando para a estrutura, funcionamento e dinâmica dos ambientes e da paisagem e das dimensões socioespaciais dos sistemas ambientais. Pesquisam-se sobre os aspectos geomorfológicos e climáticos do globo; os condicionantes biofísicos e político-institucionais de conservação ambiental de espaços territorialmente protegidos

e dos ambientes costeiros; são produzidas pesquisas enfocando políticas públicas, processos e atores territoriais nos ecossistemas limítrofes urbano-regionais, com ênfase no Estado de Sergipe e no Nordeste brasileiro.

O Programa assume, assim, o compromisso com as demandas de produção de conhecimentos que coadunam com as mudanças sociais contemporâneas, contribuindo para a explicação da realidade brasileira e sergipana sem descuidar, contudo, das análises em múltiplas escalas. O conhecimento produzido no PPGEO tem dinamizado o campo do saber geográfico, disponibilizado estudos sobre temáticas que assumem relevância teórica e empírica para a ciência geográfica. Isso significa que são realizadas pesquisas com conteúdo social que apontam alternativas de soluções para os problemas sociais, ambientais do campo e da cidade.

As três linhas de pesquisa que constituem atualmente o PPGEO abarcam o debate teórico-conceitual da Geografia e acompanham o movimento do pensamento que constitui a natureza desse campo do conhecimento, cujo temário impõe aos geógrafos a necessidade de dar respostas que expliquem a espacialidade dos fenômenos e possam contribuir para desvendar o mundo e as relações nele estabelecidas.

Um importante componente da atuação do PPGEO tem sido o trabalho desenvolvido pelos grupos de pesquisa, vinculados ao Programa: os Grupos de Pesquisas GEPCT (Grupo de Pesquisa Estado, Capital Trabalho e as Políticas de Reordenamento Territorial), liderado pela Profa. Alexandrina Luz Conceição, Sociedade e Cultura, liderado pela Profa. Maria Augusta Mundim Vargas; Geoplan (Grupo de Pesquisa em Geoecologia e Planejamento Territorial), liderado pela Profa. Rosemeri Melo e Souza, Gepru (Grupo de Pesquisas sobre Transformações no Mundo Rural), liderado pelo Prof. José Eloízio da Costa, Grupam (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Alimentos e Manifestações Tradicionais), liderado pela Profa. Sônia de Souza Mendonça Menezes, Dageo (Dinâmica Ambiental e Geomorfologia), liderado pelo Prof. Hélio Mário de Araújo, GPDM (Grupo de Pesquisa Dinâmica e Modelagem Costeira), liderado pela Profa. Taís Kalil Rodrigues, Grupe (Grupo de Pesquisa Estudos Urbano-regionais, Política e Educação), liderado pela Profa. Ana Rocha dos Santos e o Progeo (Relação Sociedade Natureza e Produção do Espaço Geográfico), liderado pela Profa. Josefa de Lisboa Santos.

A pós-graduação tem permanecido ativa com os trabalhos realizados nesses grupos de pesquisa, cujos professores articulam os mestrandos e doutorandos com os discentes dos cursos de graduação, docentes de outras instituições de ensino nas discussões das temáticas as quais estão vinculadas a suas pesquisas. A maior parte dessas pesquisas está voltada para a satisfação do bem comum, para a promoção da justiça social e construção de uma sociedade em que as desigualdades sociais sejam minoradas. O PPGEO tem uma tradição de produzir trabalhos que respaldam o compromisso de seus professores e alunos na elucidação de problemáticas que expõem conflitos, evidenciam os impactos sobre a natureza e os recursos naturais, avaliam resultados de ações dos diferentes governos na condução de políticas públicas, apontam caminhos e proposituras de superação de problemas sociais e ambientais.

O PPGEO e seu significado para a sociedade: atuação e compromisso com a transformação da realidade

A Universidade Federal de Sergipe (UFS) e o Instituto Federal de Sergipe (IFS) são as únicas instituições públicas que oferecem a formação superior do estado. A UFS é a responsável pela formação em nível de pós-graduação *stricto sensu* de profissionais das diversas áreas que atuam nas instituições públicas e privadas. É a universidade que ao longo de seus 55 anos de existência já formou os principais pesquisadores e professores de relevância local e nacional. A Geografia faz parte da UFS desde a época da sua implantação, formando principalmente professores em um estado marcado pela existência de taxa de analfabetismo ainda elevada.

O esforço empreendido para criação do mestrado e, depois, o doutorado tem um significado de extrema importância para jovens que são, majoritariamente, pertencentes a grupos de renda baixa ou média. Sem a existência da pós-graduação no estado, esses jovens não continuariam seu processo formativo, o que lhes garante o acesso ao conhecimento acumulado, sem o qual se torna difícil uma tomada de consciência como sujeito histórico, capaz de refletir sobre si mesmo, sobre sua realidade e sobre o mundo. Nesse processo, mesmo que a grande preocupação percebida nos cursos de mestrado e doutorado seja a formação qualificada de profissionais, há algo maior que move docentes do PPGEO.

Na trajetória do Programa, que é a trajetória dos docentes que o constituem, observa-se que há uma compreensão de que pelo conhecimento, pela universalização da educação se constrói a condição para o exercício da democracia e se avança na conquista dos direitos sociais. É significativo acompanhar o processo formativo de alunos, oriundos de áreas rurais ou de cidades com pouca infraestrutura e que encontram a possibilidade de se tornar mestres e doutores. Essa é a realidade do PPGEO, fato que é pouco explorado nas avaliações da Capes.

O PPGEO recebe anualmente estudantes de universidades públicas e particulares, formando um significativo número dos docentes de ensino superior em Geografia das universidades públicas do Nordeste. A Bahia é o estado que mais demanda vagas nos cursos de mestrado e doutorado em Geografia da UFS, tendo formado seus quadros de docentes que atuam tanto nas IES federais como nas estaduais daquele estado, além dos que atuam nas redes de Educação básica dos diferentes municípios baianos.

Os dados do último relatório da quadrienal (2017-2020) demonstram a importância do Programa para a formação profissional e inserção no mercado de trabalho. Neste período, 53, 86% dos alunos do curso atuam em instituições públicas de ensino superior ou nas escolas da educação básica (34% na Educação Básica e 19, 86% em IES). Em instituições privadas, estão 13% dos egressos e 15, 75% continuam seus estudos nos cursos de doutorado. Além da inserção no mercado de trabalho voltado para o exercício da docência, é do PPGEO que saem os profissionais que trabalham em órgãos de pesquisa como a Adema (Administração Estadual do Meio Ambiente de Sergipe), a Seplag (Secretaria de Estado do Planejamento Orçamento e Gestão), Deso (Companhia

de Saneamento de Sergipe) ou como professores substitutos nas IES. Esse alto número expõe os efeitos positivos da inserção do Programa em Sergipe e em outros estados nordestinos.

Importante salientar que a inserção dos alunos no mercado de trabalho, quer seja em instituições de ensino, quer seja em outros órgãos públicos e empresas de consultorias privadas, tem estreita relação com a dinâmica econômica do país. Em momentos de expansão das atividades produtivas, de ensino ou de pesquisa há maior inserção de mestres e doutores no exercício profissional. Embora a pós-graduação já tenha se expandido e tenha sido assinalado nos documentos da Capes que o momento atual exige mudança de perspectiva, focando nos resultados e não mais nos processos, daí a importância que assume o acompanhamento dos egressos, é necessário chamar atenção para a diversidade regional do país e a realidade de cada estado brasileiro. O que é mais significativo para a realidade de um Programa situado na região Sudeste pode não ser o que é mais importante em outro Programa da região Nordeste ou Norte. Isto não quer dizer que não haja necessidade de parâmetros mínimos para comparar e qualificar os Programas, mas que a observância dos diferentes contextos regionais é fundamental para refletir a Geografia brasileira e os caminhos que ela pode trilhar.

Uma importante contribuição da Geografia produzida no PPGEO diz respeito ao novo momento em que ela está inscrita. A procura por respostas de problemas enfrentados pela sociedade tem levado os professores e alunos ao envolvimento com os movimentos sociais e a atuação nas questões voltadas para o enfrentamento das adversidades provocadas pela produção de uma sociedade ambientalmente insustentável. A realização de projetos e a criação de uma agenda de ação junto às diferentes comunidades têm permitido que professores e alunos se engajem na luta e resistência em defesa de melhores condições para viver. Destaca-se a atuação de professores em projetos como o Peac (Programa de Educação Ambiental com Comunidades Costeiras), que trabalha junto às comunidades costeiras no enfrentamento à especulação imobiliária e aos impactos da atividade petrolífera no litoral, assim como no acompanhamento das comunidades tradicionais, voltadas à coleta da mangaba (Patrimônio Cultural Imaterial do Estado de Sergipe).

Em relação à cultura, também docentes do PPGEO têm buscado desenvolver práticas de levantamento e estudos do patrimônio cultural sergipano, disponibilizando para os governos estadual e municipais os resultados de pesquisa que podem orientar nas políticas de valorização da cultura sergipana. Tem crescido o interesse em inventariar os elementos, os sujeitos, as instituições e promotores culturais de Sergipe, o que contribui para o fortalecimento de uma identidade sergipana com o desvelamento científico de seu patrimônio cultural. No que se refere à abordagem cultural, é nítida a valorização dos estudos, das teses e dissertações pela relação com instituições e comunidades decorrentes, sobretudo da permanência do diálogo e contato desde o desenvolvimento das pesquisas até a devolutiva pela exposição e produção de materiais de divulgação em linguagem de fácil acesso. Nos anos mais recentes, têm sido valorizados os estudos que relacionam alimentos e alimentação com a produção agrícola dentro das práticas

sustentáveis e agroecológicas. Há uma construção coletiva, desenvolvida por docentes e camponeses e comunidades tradicionais que se envolvem no estudo científico, e são considerados e ouvidos os sujeitos que vivenciam essas realidades.

Na agenda de ação dos docentes do Programa há uma preocupação em manter o diálogo com os professores e alunos da graduação e com os docentes da Educação básica. São realizados eventos, seminários, colóquios, oficinas que trabalham temáticas importantes para a análise e formação de uma massa crítica de estudiosos questionadores da realidade e cientes das transformações que a sociedade requer para que sejam garantidas as condições de viver com dignidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse ano de celebrações da Geografia com as três décadas da Anpege e os 40 anos do PPGEO, é possível fazer um retrospecto da produção geográfica em seus saberes, fazeres, enfrentamentos e vitórias. Fez-se e ainda se faz uma Geografia que, como diz Ruy Moreira, "serve para desvendar as máscaras sociais" (2007, p. 61). Desde o golpe de 2016 e a assunção ao poder do presidente Bolsonaro (2019-2022), estivemos sob um governo que tinha a morte como política, negligenciou a ciência e, mais ainda, atuou de modo que a pandemia pela Covid-19 fosse mais devastadora sobre os brasileiros. Também nesse período, o conhecimento científico foi renegado, desacreditado como conhecimento válido. Com a posse de Lula em 2023 foi restabelecida a democracia, retomada a valorização da ciência e compromisso com os direitos sociais. Mesmo assim, o negacionismo ainda encontra ecos na população e tem repercussão sobre a política, sobre a saúde, sobre a educação, colocando novos desafios para os professores e para a ciência de modo geral.

Para a Geografia, o desvendamento das máscaras sociais se torna ainda mais importante por ser uma ciência que carrega em seu arcabouço o engajamento social, o envolvimento com o mundo da maneira como ele é produzido. Não nos cabe a omissão! O mundo em suas diferentes escalas precisa ser revelado e, para tanto, é necessário o comprometimento dos geógrafos e geógrafas no cumprimento de suas ações, quer seja na sala de aula, quer seja em um trabalho técnico.

O PPGEO tem uma trajetória que o credencia a ser um Programa de pós-graduação vigilante, atuando de modo que as pesquisas nele desenvolvidas ecoem na formação dos docentes e alunos para que ajam como sujeitos históricos, ativos no processo de construção de um novo mundo. É com essa expectativa que dedicamos este artigo também como uma homenagem aos professores do quadro docente do Programa (os do passado e os do presente) e a todos que já vivenciaram e vivenciam a Anpege. Para eles, reproduzimos parte do livro *De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso*, de Eduardo Galeano (2009, p. 342-343):

> Verdade seja dita, não há quem resista: numa data assim, por mais arbitrária que seja, qualquer um sente a tentação de perguntar-se como será o tempo que será. E vá-se lá saber como será...Que tal delirarmos

um pouquinho? Vamos fixar o olhar num ponto além da infâmia para adivinhar outro mundo possível:

O ar estará live de todo veneno que não vier dos medos humanos e das humanas paixões;

Nas ruas, os automóveis serão esmagados pelos cães; as pessoas não serão dirigidas pelos automóveis, nem programadas pelo computador, nem compradas pelo supermercado e nem olhadas pelo televisor...

A comida não será uma mercadoria e nem a comunicação um negócio, porque comida e a comunicação são direitos humanos...

A justiça e a liberdade, irmãs siamesas condenadas a viver separadas, tornarão a unir-se, bem juntinhas, ombro contra ombro...

REFERÊNCIAS

BRETAS, Silvana Aparecida. A Constituição da Universidade Federal de Sergipe (1950 – 1960): um estudo sobre aspectos históricos da Educação Superior brasileira. ***Revista Hist. Educ. [online]***. Porto Alegre, v. 18, n. 42 jan./abr. 2014 p. 151-169.

DINIZ, José Alexandre Felizola. Uma ideia que deu certo. ***Revista GeoNordeste***, São Cristóvão, ano V, n. 1, Edição comemorativa Enga, 1988.

DINIZ, J. A. F. 30 anos de pós-graduação em geografia na Universidade Federal de Sergipe (1983-2013): nos caminhos da memória. *Revista GeoNordeste*, São Cristóvão, ano XXVIII, n. 2. 2017, p. 247-272. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/7245. Acesso em: 13/04/2023.

GALEANO, Eduardo. *De pernas pro ar:* a escola do mundo ao avesso. Porto Alegre, RS: L&M editores, 2009.

FRANÇA, Vera Lúcia Alves. A SAGA DO PPGEO: BREVE RELATO COMO CONTRIBUIÇÃO À MEMÓRIA DA PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA DA UFS. In: VILAR, José Wellington Carvalho.; ARAÚJO, Hélio Mário de.; SILVA, Gicélia Mendes da. 70 anos da Geografia Sergipana (1951 – 2021): nos caminhos da memória. Aracaju, SE: Criação Editora, 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua*. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/17270-pnad-continua.html?=&t=resultados. Acesso em: 20 abr. 2020.

MEC. CAPES. **Relatório de** *Avaliação*:Geografia. Avaliação Quadrienal 2021. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/documentos/avaliacao/19122022_RELATORIO_AVALIACAO_QUADRIENAL_comnotaGeografia.pdf. Acesso em: 6 mar. 2023.

MOREIRA, Ruy. *Pensar e ser em Geografia*: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007.

OLIVA, Terezinha. Conheça a trajetória de quatro pessoas em suas vivências na UFS. *Portal UFS*. maio 2021. Disponível em: https://www.ufs.br/conteudo/67242-conheca-a-trajetoria-de-quatro-pessoas-em-suas-vivencias-na-ufs. Acesso em: 12 abr. 2023.

SANTOS, Adelci F. Uma experiência de pós-graduação. *Revista GeoNordeste*, Edição Comemorativa dos 10 anos da Pós-graduação em Geografia da UFS. Ano VIII, n. 1, 1993, p. 13-17. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/10564. Acesso em: 20 maio 2023.

SANTOS, Vera Maria dos. A Geografia em Sergipe e os seus livros didáticos para o ensino primário: do século XIX ao século XX. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 29, n. 15, p. 166-196, maio/ago. 2007. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/5639/563959961009.pdf. Acesso em: 1º abr. 2023.

VILAR, José Wellington Carvalho. Manuel Correia de Andrade e a consolidação da Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe – Brasil. *Revista GeoNordeste*, São Cristóvão, ano XXXIII, n. 1, jun. 2022, p. 268-288. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/17569. Acesso em: 26 maio 2023.

SOBRE AS AUTORAS

ANA ROCHA DOS SANTOS – Licenciada (1990), bacharel (1994), mestre (1999) e doutora (2008) em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe. Atualmente é profa. associada da Universidade Federal de Sergipe – Campus Prof. Alberto Carvalho e do Programa de Pós-graduação em Gegorafia (PPGEO-UFS). É líder do Grupo de Pesquisa em Estudos Urbano-regionais, Política e Educação (GRUPE). Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Regional, Geografia Política e Ensino de Geografia, atuando principalmente nos seguintes temas: políitca de desenvolvimento, Estado, poder, política pública, prática docente, metodologia de ensino, formação de professores

E-mail: ana.rochaufs@gmail.com

SÔNIA DE SOUZA MENDONÇA MENEZES – Professora Associada II do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Sergipe. Doutorado, Mestrado e Licenciatura em Geografia – UFS. Realizou o Estágio Pós-doutoral no período de 06/2019 a 06/2020 no Laboratório dos Estudos Territorias – Laboter, vinculado ao Instituto de Estudos Socio Ambientais – IESA na Universidade Federal de Goiás. Coordenou o Programa de Pós-Graduação em Geografia no biênio 2017-2019. Foi Coordenadora adjunta do PPGEO no biênio 2019-2021. Coordenou os Programas PIBID no período de 2015-2018 e Residência Pedagógica 2018-2019. Participa como membro do Conselho Editorial da Revista Geonordeste. É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Alimentos e Manifestações Tradicionais-GRUPAM/UFS/CNPq. Integrante da Rede de Estudos Agrários – REA (UNESP-Rio Claro-SP; UNIFAL – Alfenas-MG; UNIMONTES – Montes Claros-MG; UFS – Sergipe-SE). É membro da Rede Sergipana de Agroecologia – RESEA. Coordena pesquisas relacionadas aos estudos sobre a produção, circulação e consumo de alimentos, SIAL-Sistema Agroalimentar Localizados; Soberania Alimentar; Agroecologia; Geografia cultural e Ensino da geografia. Coordena o Projeto PROMOB: Análise das novas territorialidades no espaço rural nos estados de Sergipe, Minas Gerais e Goiás financiado pelo Edital CAPES/FAPITEC N° 10/2016 – PROMOB.

E-mail: soniamenezes@academico.ufs.br